



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 31/05/2024 e 06/06/2024

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
31/05/2024	12,05	364,70	45,52	6,78	4,46
03/06/2024	11,84	359,50	44,14	6,72	4,43
04/06/2024	11,79	355,10	43,62	6,58	4,42
05/06/2024	11,77	359,50	43,13	6,46	4,39
06/06/2024	12,00	362,30	44,38	6,39	4,53
Média	11,89	360,22	44,16	6,59	4,45

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	119,00	
RS – Não Me Toque	118,00	
RS – Londrina	118,00	
PR – M.C.Rondon	118,00	
MT – C.N.Parecis	SC	
MS – Maracaju	120,00	
GO - Rio Verde	SC	
BA – L.E.Magalhães	118,50	
MILHO(**)		
Porto de Santos	60,00	CIF
Porto de Paranaguá	SC	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	55,00	
SC – Rio do Sul	58,00	
PR – M.C.Rondon	52,00	
PR – Londrina	50,00	
MT – C.N.Parecis	36,00	
MS – Maracaju	49,00	
SP – Itapetininga	57,00	
SP – Campinas	58,00	CIF
GO – Rio Verde	SC	
GO – Jataí	SC	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	65,00	
RS – Não Me Toque	66,00	
PR – Londrina	75,00	
PR – M.C.Rondon	75,00	

Período: 05/06/2024

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 06/06/2024**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	57,30	122,09	65,63

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
06/06/2024**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	113,99
Feijão (saco 60 Kg)	261,67
Sorgo (saco 60 Kg)	ND***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,12
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,44**
Boi gordo (Kg vivo)*	8,39

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Abril/24, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, cederam bastante nesta semana. O bushel da oleaginosa chegou a bater em US\$ 11,77 no dia 05/06, após US\$ 12,48 no dia 24/05. Ou seja, em sete dias úteis o mesmo perdeu 5,7% de seu valor. Na sequência, houve um repique de alta e o fechamento da quinta-feira (06) ficou em US\$ 12,00/bushel, contra US\$ 12,09 uma semana antes.

Destaca-se que a média de maio ficou em US\$ 12,16/bushel, correspondendo a uma elevação de 4,5% sobre a de abril. Em maio do ano passado, a média havia sido de US\$ 13,85 considerando o primeiro mês cotado.

Dito isso, o bom avanço do plantio nos EUA, graças a um clima favorável, puxa para baixo as cotações da soja. Além disso, a colheita sul-americana caminha para o final e a produção, mesmo com os recuos no Brasil e Argentina, ainda será expressiva na comparação com os anos anteriores.

Efetivamente, o USDA indicou que, até o dia 02/06, o plantio da soja nos EUA chegava a 78% da área esperada, contra 73% na média histórica. Por sua vez, os embarques de soja estadunidense, na semana encerrada em 30/05, somaram 348.644 toneladas, ficando próximos do limite superior esperado pelo mercado. Com isso, o total exportado, até o momento, no atual ano comercial, atinge a 40,3 milhões de toneladas, ficando abaixo das mais de 48 milhões no mesmo período do ano passado.

Vale ainda apontar que as importações de soja, por parte da União Europeia, no ano comercial 2023/24, que se encerra em junho naquela região, atingiam a 11,9 milhões de toneladas até o dia 02. Isso representa um recuo de 1% sobre o mesmo período do ano anterior. Deste total, a UE importou do Brasil 4,9 milhões de toneladas, representando 41,6% do total importado. No mesmo período do ano anterior, o Brasil exportou 4,65 milhões de toneladas, ou seja, 38,6% do total. Enquanto isso, as importações totais de farelo de soja, por parte da UE, somaram 14,2 milhões de toneladas na mesma data de junho, representando um recuo de 4% sobre o ano anterior. Todavia, o total importado de farelo brasileiro somou 8,4 milhões de toneladas, ou seja, 59% do total importado pelos europeus. No mesmo período do ano anterior, o Brasil havia vendido 7,7 milhões, ficando com 52,4% das vendas totais de farelo de soja para a UE. Já em colza (canola) a União Europeia importou, no mesmo período, 5,1 milhões de toneladas, com recuo de 29% sobre o ano anterior, e as importações de óleo de palma ficaram em 3,12 milhões de toneladas, ou seja, 19% a menos do que o registrado no ano anterior.

E aqui na América do Sul, o Paraguai deverá produzir um total de pouco mais de 10 milhões de toneladas de soja na safra 2023/24, sendo que a safrinha local do produto já estaria com cerca de 90% colhido. A produtividade média da mesma está em 1.620 quilos/hectare, equivalendo a 27 sacos/hectare. Enquanto isso, a comercialização desta safra de soja paraguaia chegava a 74% do total, com a melhoria dos preços locais nas últimas semanas.

E no Brasil, os preços recuaram na semana, com a média gaúcha fechando a mesma em R\$ 122,09/saco, enquanto as principais praças locais se mantiveram entre R\$ 118,00 e R\$ 119,00/saco. Nas demais regiões do país os preços da oleaginosa

oscilaram entre R\$ 118,00 e R\$ 120,00/saco, havendo diversas regiões sem indicação de cotação.

Pesou sobre este comportamento o recuo das cotações em Chicago, apesar de o câmbio ter encostado em R\$ 5,30 por dólar em alguns momentos da semana.

Dito isso, no Mato Grosso, a futura safra 2024/25, a ser plantada a partir de setembro, está estimada em 43,7 milhões de toneladas. Em sendo assim, a mesma aumentaria em 11,8% a última colheita, atingida parcialmente pela seca. A área semeada cresceria 0,64%, passando a 12,56 milhões de hectares e a produtividade média aumentaria 11%. Tudo isso, obviamente, em clima normal. A mesma tende a ficar em 58 sacos/hectare naquele Estado. (Imea)

E pelo lado das exportações brasileiras de soja, o complexo soja deverá registrar vendas de 113 milhões de toneladas em 2024, o que representa um recuo de 10,9% sobre o registrado no ano passado. Mesmo assim, será o segundo maior volume da história. Deverão ser 88 milhões de toneladas do grão, com recuo de 13,6%, 23 milhões de toneladas de farelo, com aumento de 1,7%, e 2 milhões de toneladas de óleo de soja, com recuo de 14,9% sobre o ano anterior. Assim, considerando os preços médios deste corrente ano, a receita total de exportação poderá chegar a US\$ 51,1 bilhões, o que representa um recuo de 24,2% sobre 2023. Seriam US\$ 38,7 bilhões em vendas de soja em grão (-27,4%); US\$ 10,5 bilhões na venda de farelo (-9,1%); e US\$ 1,9 bilhão em vendas de óleo (-25,2%). Estas estimativas se dão sobre uma perspectiva de produção final, nesta atual safra, de 147,6 milhões de toneladas, contra 160,8 milhões colhidas no ano anterior. Com isso, o complexo soja ficará com 15,5% do total exportado pelo Brasil em 2024, contra 19,8% em 2023, lembrando que a média histórica de participação do complexo soja nas exportações gerais do país, nos últimos 10 anos, é de 16,2%. (cf. Datagro Grãos)

Enfim, neste início de junho o quadro do mercado nacional da soja é de muita gente querendo vender e poucos compradores interessados. “Grande parte dos navios programados estão cobertos e para frente os demais serão destinados para milho. E sem pressão de compra de novos exportadores, pode ser uma notícia não muito boa para o produtor no segundo semestre, porque ainda tem bastante soja para negociar. Assim, depois de um maio aquecido, o mercado da soja esfriou no início de junho, com o Brasil tendo ainda 56 milhões de toneladas da última safra para vender. Isso vai exigir muita atenção dos produtores para conseguirem identificar novas janelas positivas de comercialização da soja neste ano. Isso explica a manutenção do novo intervalo de preços para a soja no interior do país, entre R\$ 100,00 e R\$ 130,00/saco e de R\$ 135,00 a R\$ 142,00/saco nos portos. (cf. Brandalitze Consulting)

E isso tudo se o câmbio permanecer acima dos R\$ 5,00 por dólar. Caso contrário, os preços recuam para novos patamares. Assim, os produtores precisam ficar atentos ao comportamento cambial no Brasil, e calcular o custo de carregar a soja até o momento de decidir vendê-la. Há preocupação de que, se Chicago não reagir até julho, começará a ocorrer liquidação de posições na expectativa da nova safra estadunidense que, por enquanto, está normal.

Enfim, os produtores do Paraná registram um custo de produção menor em 12%, neste ano, para com a soja. Segundo o Deral local, a média de custos foi de R\$

5.670,69/hectare, sendo R\$ 3.069,46 em custos variáveis. Considerando uma produtividade média de 60 sacos/hectare o custo total por saco ficou em R\$ 94,51, enquanto o custo variável chegou a R\$ 51,16.

MERCADO DO MILHO

O bushel de milho, em Chicago, após recuar para US\$ 4,39 no dia 05, voltou a subir, fechando a quinta-feira (06) em US\$ 4,53, contra US\$ 4,48 uma semana antes. Por outro lado, a média de maio fechou em US\$ 4,54/bushel, sendo 4,6% superior à média de abril. Lembrando que a média de maio do ano passado atingiu a US\$ 6,09/bushel.

Dito isso, o plantio do cereal nos EUA, até o dia 02/06, atingia a 91% da área, contra 89% na média histórica. Já as condições das lavouras estadunidenses se apresentavam com 75% entre boas a excelentes, 21% regulares e 4% entre ruins a muito ruins.

Pelo lado das exportações, os EUA informaram que, na semana encerrada em 30/05 os embarques de milho atingiram a 1,37 milhão de toneladas, superando as expectativas do mercado. Assim, o total já embarcado neste ano comercial atinge a 37,7 milhões de toneladas, contra mais de 29,9 milhões um ano antes.

Já no Paraguai, a expectativa final na produção de milho é de um volume ao redor de 3,93 milhões de toneladas, na medida em que se espera uma produtividade média de mais de 5.000 quilos/hectare. Até o início deste mês de junho, 4% da área de milho paraguaia havia sido colhida.

E no Brasil, os preços do milho estabilizaram. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 57,30/saco, enquanto as principais praças se mantiveram em R\$ 55,00. Nas demais regiões nacionais, os preços oscilaram entre R\$ 36,00 e R\$ 58,00/saco, sendo que muitas regiões não apresentaram cotações. Já na B3 os contratos mais recentes fecharam a quarta-feira (05) entre R\$ 56,44 e R\$ 67,78/saco.

O recuo em Chicago e o avanço da colheita da safrinha brasileira estariam na origem desta estabilização dos preços nacionais. Entretanto, muitos analistas continuam indicando um quadro mais positivo para os preços internos do milho, no segundo semestre, já que não haverá milho suficiente para atender as exportações, a demanda para a fabricação de rações e a demanda para a fabricação de etanol. (cf. Brandalitze Consulting)

Dito isso, a colheita da safrinha atingiu, no dia 30/05, a 4,7% da área cultivada no Centro-Sul brasileiro. (cf. AgRural)

Já a Conab, em seu acompanhamento semanal, indicou uma colheita da safrinha em 3,7% da área, contra 0,7% em igual período do ano anterior. Os Estados que já iniciaram a colheita são Mato Grosso (4,8%), Mato Grosso do Sul e Paraná (4%), Goiás (2%) e Tocantins (1%). Em paralelo, a colheita da safra de verão teria atingido a 81,6% da área total estimada.

E especificamente no Mato Grosso, segundo o Imea, a produtividade da safrinha deverá ser 1,7% superior à registrada na última estimativa. Com isso, agora, a mesma está prevista em 110 sacos/hectare, graças ao bom desenvolvimento das lavouras. Com isso, a produção final daquele Estado deverá atingir a 45,8 milhões de toneladas. Mesmo assim, ficará 12,7% abaixo do total colhido um ano antes.

E no Paraná, segundo o Deral, 7% das lavouras da safrinha haviam sido colhidas no início da presente semana, sendo que 51% do restante estava em fase de maturação, havendo ainda 52% das mesmas em boas condições, 31% regulares e 17% em situação ruim. Já o custo total de produção do milho de verão, no Paraná, registrou recuo de 7,6%, ficando em R\$ 7.621,36/hectare, enquanto o milho safrinha registraria um custo total de R\$ 5.518,26/hectare, contra R\$ 5.890,38 um ano antes.

Enfim, no Mato Grosso do Sul, a Famasul informou que a safrinha local apresentava, no início da semana, 46,3% das lavouras em boa situação, 21,1% regulares e 32,6% ruins. O estresse hídrico naquele Estado vem provocando perdas importantes. Assim, o Estado deverá colher 19,2% menos de milho safrinha neste ano, com o volume final ficando em 11,4 milhões de toneladas. Em maio, inclusive, houve geadas que atingiram as lavouras do cereal.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, após subirem para níveis importantes no final de maio, quando o primeiro mês bateu em US\$ 7,00/bushel, a mais elevada cotação desde a segunda quinzena de julho/23, voltaram a recuar nestes primeiros dias de junho. Com isso, o bushel do cereal fechou a quinta-feira (06) em US\$ 6,39, contra US\$ 6,81 uma semana antes. Destaca-se que a média de maio ficou em US\$ 6,56/bushel, com expressivo aumento de 16,3% sobre a média de abril. Lembrando que a média de maio de 2023 foi de US\$ 6,19/bushel. Ou seja, em Chicago, o trigo, atualmente, está com cotações mais elevadas do que às registradas um ano atrás.

Dito isso, a colheita do trigo de inverno iniciou nos EUA, sendo que até o dia 02/06 havia sido colhido 6% da área semeada, contra 3% na média histórica. Por sua vez, do que faltava colher, 18% se apresentavam em condições entre ruins a muito ruins, outros 33% estavam regulares e 49% das lavouras estavam entre boas a excelentes. Já o trigo de primavera apresentava 94% da área semeada, contra 90% na média histórica. Por outro lado, 78% da área estava com trigo germinado, contra 69% na média histórica.

Em paralelo, na semana encerrada em 30/05, os EUA embarcaram 416.010 toneladas de trigo, ficando dentro do esperado pelo mercado. No total do atual ano comercial, tais exportações já atingem a 18,7 milhões de toneladas, porém, ainda abaixo das mais de 19,8 milhões exportadas no mesmo período do ano anterior.

Enquanto isso, na Rússia houve nova revisão para baixo nas suas estimativas de produção de trigo. Segundo a Sovecon, agora o total previsto é de 80,7 milhões de toneladas, após geadas que atingiram as lavouras locais em maio. Na prática, toda a região do Mar Negro vem sofrendo com problemas climáticos, gerando as recentes altas de preço no mercado mundial do trigo. Já a Ucrânia espera colher 19,1 milhões

de toneladas de trigo neste ano. Segundo meteorologistas internacionais, cerca de metade da região do Mar Negro deverá permanecer seca pelos próximos 100 dias, sofrendo com altas temperaturas, e mais perdas nas lavouras podem ser registradas. E para piorar o quadro, existe a possibilidade de greves nos portos da França agora em junho. Estes terminais respondem por 50% das exportações francesas de trigo e cevada, lembrando que a França é o maior exportador de trigo da União Europeia, além de ser o responsável por 18% da produção agrícola total do bloco.

Por sua vez, apesar dos problemas climáticos, o governo australiano informa que a produção de trigo da Austrália deverá ser maior neste ano, atingindo a 29,1 milhões de toneladas do cereal, 12% acima do registrado em 2023/24 e 10% acima da média dos últimos 10 anos.

E no Brasil, os preços do trigo estabilizaram, com a média gaúcha fechando a semana em R\$ 65,63/saco, enquanto no Paraná o produto ficou em R\$ 75,00/saco. Nas regiões paranaenses de Curitiba e Ponta Grossa o produto já está na faixa de R\$ 1.600,00/tonelada FOB. Isso representa R\$ 96,00/saco FOB. Um dos motivos é que o trigo importado subiu de preço, também puxado pela desvalorização do Real nas últimas semanas. Com isso, a tonelada do produto externo chega no Paraná ao redor de US\$ 300,00 neste momento. (cf. Grupo Labhoro)

Por sua vez, o Cepea aponta que os preços do trigo, no momento, são os mais altos desde meados de 2023 junto às regiões por ele acompanhadas. Continua havendo dificuldades em se encontrar trigo de qualidade superior, devido a baixa produção passada, além do fato de que existe a expectativa concreta de forte redução na área a ser semeada nesta nova safra brasileira.

Enfim, o Ministério da Agricultura e Pecuária anunciou, neste dia 05/06, os novos preços mínimos para o trigo safra 2024/25. Os valores serão utilizados como referência nas operações ligadas à Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM), que visa garantir uma remuneração mínima aos produtores rurais. “Os preços mínimos do trigo em grãos tiveram ajustes para baixo nas três regiões produtoras do país: Sul (-10,55%), Sudeste (-11,55%) e Centro-Oeste/Bahia (-15,75%), para os três tipos do cereal com base do pH e nas quatro modalidades especificadas (básico, doméstico, pão e melhorador). Os valores ficarão entre R\$ 33,49 e R\$ 84,63/saco, válidos entre julho deste ano até junho de 2025. Já as sementes de trigo tiveram reajuste negativo, neste caso de 10,55%, caindo para R\$ 3,22/quilo. Segundo o governo, “no último ano os preços no mercado interno diminuíram, o que pode desestimular os próximos plantios. Então, no intuito de incentivar a produção nacional, reduzindo a dependência do país das importações, além de buscar promover a diversificação da produção agrícola brasileira, especialmente nas regiões Centro-Oeste e Sudeste, os preços mínimos, apesar de menores em relação à safra 2023/24, foram fixados com base no valor do custo variável médio, calculado pela Conab, acrescido de um incentivo de 10% para a Região Sul, responsável por mais de 80% da produção nacional; 11,3% para a Região Sudeste; e de 17,1% para a Região Centro-Oeste e Bahia”.

No nosso entender, estes preços tendem a ser mais uma ducha de água fria sobre os produtores de cereal, que já indicavam uma redução de área nacional em 11,1%, sendo que o Rio Grande do Sul reduziria sua área em 10,6%, e o Paraná 19,1%.

Afinal, o custo de produção, mesmo recuando um pouco, ainda fica muito elevado. No Paraná, por exemplo, segundo o Deral, o gasto médio total será de R\$ 5.900,19/hectare. Ora, ao preço atual de R\$ 75,00/saco, o produtor paranaense precisaria colher a média de 78,7 sacos por hectare de trigo para pagar os custos totais de produção. Isso de produto com qualidade superior. Sem dúvida, uma situação que desanima qualquer interesse em plantar o cereal. O problema é que as alternativas de inverno são muito poucas e, também, com baixa remuneração neste momento.